

APRESENTAÇÃO

DOSSIÊ: LIÇÕES DA TRADIÇÃO: TERRITÓRIO, CULTURA E IDENTIDADE

LESSONS OF TRADITION: TERRITORY, CULTURE, AND IDENTITY

RODRIGO DE AZEREDO GRÜNEWALD¹, VERENA SEVÁ NOGUEIRA²

A noção de tradição ganha vulto a partir do Iluminismo, movimento este que, enfatizando a força da razão, valorizava o intelecto, o desenvolvimento da ciência, que, desencantando o mundo, assentou o concreto no qual o capitalismo, enfim, se assentou. A partir de tal contexto, a modernidade estabeleceu o tradicional como seu inimigo, como algo relativo ao atraso. Coube, no âmbito das ciências sociais, privilegiadamente aos antropólogos lidar com a cultura desse universo tradicional, com seus ritos performáticos, seu conjunto de bens culturais, suas religiosidades, seus modos de organização social, suas formas de expressão artística e cultural (simbólicas, enfim), suas territorialidades e sobre como muitas dessas sociedades, ou mesmo pequenas comunidades, são afetadas por frentes de expansão da sociedade capitalista, entre elas, por exemplo, contemporâneos encontros interculturais, muitos dos quais promovidos pelo turismo.

Mas essa oposição entre tradicional e moderno não nos parece ter valor heurístico convincente enquanto tais termos forem instrumentalizados como polos contraditórios sem se levar em consideração que são duas faces complementares de um mesmo universo. Foi assim que, a partir das contradições do capitalismo e da modernidade, o tradicional foi, de várias formas, resgatado positivamente. No Brasil pós-constituição de 1988 se reconhece o pluralismo étnico e cultural e, com isso, novos sujeitos de direito: que são os povos e as comunidades tradicionais, que convivem lado a lado ou entrelaçadas ao moderno. Em tal contexto, cada qual, tradição e modernidade, se influenciam mutuamente, com criativas formas pós-coloniais e/ou pós-modernas de recriação do tradicional. Trata-se de segmentos culturais (e algumas vezes até de sociedades inteiras) que se recriam e se reinventam a partir do rótulo de tradicional, o qual tem grande poder de mobilização.

Não só no meio rural, também nas cidades assiste-se a permanência e muitas vezes o revigoramento de elementos culturais populares tidos como tradicionais em termos artísticos, religiosos, entre outros, que deixam claro a diversidade sociocultural característica da presença de tradições no âmbito de sociedades modernas, que contam inclusive com políticas públicas para seu resguardo.

Em agosto de 2013, foi criado o Laboratório de Estudo sobre Tradições (LETRA) no âmbito do PPGCS -UACS-UFCG, com o intuito de reunir pesquisadores e estudantes de várias universidades brasileiras com interesses acadêmicos diversificados, mas que podem se inserir no amplo tema da Tradição. Vale ressaltar que o que unifica tais pesquisadores num tal grupo de pesquisa é menos uma definição de tradição (e acredito que os próprios membros do laboratório possam ter noções um tanto distintas do que seja tradição), pois o potencial deste termo - tradição - que nos aglutina em um laboratório parece vir menos de sua definição ou do próprio conceito, e mui-

1 Professor Associado de Antropologia (PPGCS/UFCG)

2 Professora Adjunta de Ciências Sociais (UFCG)

to mais do seu poder de adjetivação. Ou seja, parece que estamos mais interessados no tradicional do que na tradição em si.

Para colocar em contato seus pesquisadores, o LETRA organizou seu primeiro seminário - intitulado Lições da Tradição: território, cultura e identidade - em junho de 2014, contando com uma conferência e seis mesas-redondas relativas às seis linhas de pesquisa do laboratório, quais sejam: povos e comunidades tradicionais; saberes tradicionais e processos de patrimonialização; territórios tradicionais, tradições e religiosidades populares; tradições e turismo; tradições, performance e autenticidade.

O presente dossiê é fruto desse seminário. Aqui se publicam o artigo referente à conferência de abertura do seminário – proferida pela Professora Dra. Emília Pietrafesa de Godoi – e outros textos referentes a exposições orais realizadas nas mesas-redondas. Nem todas as palestras estão aqui registradas em formato de artigos, bem como a ordem de apresentação dos mesmos neste dossiê não corresponde à ordem de exposição nas mesas-redondas.

Para este dossiê reorganizamos a ordem de apresentação dos trabalhos não mais por linhas de pesquisa e nem obedecendo à ordem de apresentação nas mesas, mas, partindo da conferência de abertura do seminário, passamos a considerar temas mais afins a esta e seguir descortinando paulatinamente as diversas abordagens sobre o mote da tradição (ou do tradicional) que aqui se fazem presentes.

Partimos assim, primeiramente, do texto de Emília Pietrafesa de Godoi que discute os diversos sentidos e usos do conceito de territorialidade, e de noções correlatas como território, desterritorialização e reterritorialização. Um conceito que nasce no campo da etologia e da geografia, especialmente nos estudos acerca da territorialidade animal, e que atualmente é caro a vários campos de conhecimento das Ciências Humanas em geral. A autora nos remete a duas abordagens conceituais de territorialidade, através das quais demonstra que, para além da dimensão de poder, devemos atentar para sua dimensão identitária. Por fim, defende que a territorialidade não é um conceito autoexplicativo, nem autoevidente, devendo ser compreendido como uma construção social.

No campo que entremeia as temáticas territoriais e étnicas, o artigo de Stephen Baines investiga a noção de territórios indígenas e sua ressignificação nas novas configurações sociais, econômicas e políticas brasileiras. Após uma discussão conceitual sobre territorialidade indígena, Baines apresenta um panorama geral da situação das terras indígenas no Brasil, passando em seguida à análise do Decreto nº. 1.775/8/1996 - que vem a pautar os processos administrativos de regularização de terras indígenas. Por fim, o texto aborda um processo territorial específico, qual seja: a Implantação do Programa Waimiri-Atroari, por meio do qual nos sinaliza a enorme distância entre os direitos territoriais indígenas reconhecidos e sua efetivação.

Na sequência encontra-se o texto de Rogério Nascimento, que se propõe a uma discussão sobre memória e identidade étnica na construção coletiva de dois quilombos na Paraíba: Vaca Morta e Pedra d'Água. O ponto de partida da análise apresentada resultou da participação do autor na produção de Relatórios Técnicos de Identificação e Delimitação (RTID) dessas duas terras quilombolas. O autor apresenta o resultado de uma análise comparativa, que procura distinguir os processos histórico-social e político-econômico de formação desses dois quilombos, tomando como elementos balizadores a ancestralidade, o trabalho e a terra.

Ainda dentro da temática territorial, o texto de Verena Sevá Nogueira nos leva a Martim: uma terra camponesa conformada por uma articulação de um sistema de propriedade privada da terra com um sistema de uso comum, e indiviso, partilhado por uma parentela. Nomeada como “a terra do pai”, do chefe da parentela, a Martim é o território de uma família camponesa que se divide entre membros que seguem nela vivendo e os que empreendem deslocamentos migratórios para outras regiões do país, devendo ser compreendida como mais que um espaço físico, mas como um lugar de pertencimento e de agregação familiar.

Outro momento deste dossiê situa um debate sobre turismo étnico-indígena em termos de territorialidade e também de reelaboração étnica e autenticidade. Isis Lustosa apresenta pesquisa sobre o turismo em uma Terra Indígena (TI) abrangida na rede resistência de povos e comunidades tradicionais do Ceará. Nesse artigo a autora analisa a situação dos Jenipapo-Kanindé da Aldeia Lagoa Encantada, que, embora ainda não tenham sua TI homologada, vêm afirmando sua identidade indígena fortalecida pela implantação de um projeto de turismo comunitário na aldeia, em oposição a projetos de turismo global verificados ao longo do litoral cearense.

Já partindo de um estudo etnográfico acerca da “dança da caça” performatizada pelos Pataxós de Barra Velha, na Bahia, Rodrigo Grünewald propõe-se a uma discussão sobre os temas da performance e da autenticidade cultural em contextos de etnicidade e resgate cultural indígena.

Ainda em diálogo com o tópico da autenticidade cultural, porém numa guinada para o amplo tema do patrimônio cultural, Sandro Guimarães de Salles analisa diferentes momentos das políticas de patrimônio no Brasil e a atuação dos antropólogos nesse campo. O autor propõe alguns desafios teórico-antropológicos para as pesquisas que envolvem processos de patrimonialização, especialmente no contexto do Inventário Nacional de Referências Culturais (INRC), uma vez considerando o alargamento do conceito de patrimônio cultural.

Fechando este dossiê, os textos de Eloi Magalhães e de Luís Américo Bonfim abordam o tema das religiosidades populares. O artigo de Magalhães analisa a fundação da “Capelinha de São Francisco”, em Rio Branco (AC), pelo “líder carismático” Daniel Pereira de Mattos, e sua posterior institucionalização como “Centro Espírita e Culto de Oração Casa de Jesus – Fonte de Luz”. O autor procura mostrar a relação entre a expressão de um tipo de comunalização religiosa e a conformação de um *habitus* religioso, ordenado por relações associativas institucionalizadas e por práticas devocionais particulares, com o uso ritual da ayahuasca.

Em pesquisa mais ampla sobre o tema das religiosidades populares, Luís Américo Bonfim nos apresenta uma análise de alguns casos de devoções não canônicas no Brasil, Argentina, Chile e Venezuela, a partir dos quais procura delinear os requisitos para a consagração dos santos populares, especialmente através da compreensão de diversos mecanismos de reparação *post-mortem*. Aponta o autor para a matriz religiosa católica como modelo de produção de crenças e práticas livremente interpretadas pelas populações, com decisivo impacto para a formação da moral sul-americana.

É por esse caminho, enfim, que este número de Raízes convida os leitores a reflexões sobre variados aspectos tradicionais de segmentos sociais brasileiros (e sul-americanos) em distintos contextos e a partir de fios condutores igualmente diversificados.

Boa leitura a todos.

Os organizadores.